

12º CAPÍTULO

OS ÚLTIMOS ANOS

Nos últimos anos da sua vida, a saúde de António Jacinto Ferreira, sofreu alguns abalos. O avolumar de problemas criou-lhe um clima de grande tensão e por vezes o coração fraquejava. O médico insistia constantemente, para que ele tomasse períodos de repouso e abrandasse o ritmo das suas actividades.

Mas para ele, era difícil seguir estes conselhos. Homem habituado desde muito novo, a um labor constante, não se poupava mesmo a esforços físicos. Quando o trabalho apertava, acompanhava mesmo pela noite fora, o pessoal.

Depois acresciam as preocupações pelos problemas financeiros. Havia letras a vencer, juros a pagar, ordenados a satisfazer a centenas de operários. Por sua vez o volume dos negócios diminuía. A concorrência de alguns colegas conserveiros, apertados por dificuldades semelhantes, precisando de realizar dinheiro a qualquer custo, chegavam a praticar preços abaixo do preço do custo. Era o pronúncio da derrocada final que se aproximava.

Por sua vez a concorrência internacional dos fabricantes estrangeiros, era violenta. Senhores de uma indústria mais mecanizada, apoiada por uma publicidade aguerrida, visitando directamente os mercados, foram pouco a pouco desalojando as conservas portuguesas. Todas estas preocupações, agravaram-se com o desencadear de greves, que agitaram Olhão, logo a seguir à revolução do 25 de Abril alteraram a sua saúde, já então bastante precária.

Sofreu profundamente, devido a uma manifestação de populares, onde se encontravam alguns dos seus operários e operárias, feita à porta da sua casa na Avenida da República. Aí lhe lançaram gritos de fascista e explorador do povo. Estas eram então as palavras em moda, usadas por estas turbas, para sujar reputações e amedrontar os visados.

Sentiu-se interiormente ferido, pois entre os manifestantes, viu alguns, que ele considerava amigos e com quem tinha trabalhado lado a lado, durante anos. Ele mesmo descreve esses momentos:

“Tudo mudou nesta terra de heróis e navegantes, transformados muitos deles em autênticos “arruaceiros”. Sindicalistas, que antes deles nascerem, já eu o tinha sido. Como prémio de todos os sacrifícios de uma longa vida de trabalhos e canseiras, um meu ex-operário de uma das minhas fábricas, então

mandatário sindicalista, a quem sempre tratei, não como operário, mas sim como camarada de trabalho, porque a seu lado trabalhava, tomou a iniciativa de á frente de um grande cortejo, parar à porta da minha residência, incitando em altos gritos a morte ao “fascista”, e ao explorador da classe operária.

Mas não concluiu, porque um numeroso grupo de assistentes, impediu, os seus intentos criminosos. Fui assim compensado de todos os sacrifícios, que fiz por esta terra, evitando os horrores da fome a muitos milhares de olhanenses.”⁽¹⁴⁷⁾

Forçado pelos contínuos avisos do médico, e pela insistência dos seus familiares, foi-se pouco a pouco desligando das actividades diárias, e entregando a gerência dos negócios, aos seus filhos, António Jacinto Ferreira Júnior, Humberto Jacinto Ferreira e Jorge Jacinto Ferreira. E a sua confiança nos filhos era tão grande que só há muito pouco tempo se tornou obrigatório a necessidade de duas assinaturas para responsabilizar a firma.

Mas sofre ainda um grande abalo, com a morte súbita do seu filho, Humberto Jacinto Ferreira, em 1985. Do casamento do seu filho mais velho, António Jacinto Júnior, nasceram: Ermelinda Maria Faustino Jacinto Ferreira, Filomena de Jesus Faustino Jacinto Ferreira, António Jacinto Ferreira e João Paulo Faustino Jacinto Ferreira.

Do seu filho Humberto Jacinto Ferreira, nasceram: Humberto Joaquim Jacinto Ferreira, Ana Isabel Moleiro Jacinto Ferreira, e Daniel Paulo Jacinto Ferreira. Por fim, do seu filho Jorge Jacinto Ferreira, nasceram: Lúcia Maria Dâmaso Jacinto Ferreira e Jorge Dâmaso Jacinto Ferreira.

A situação comercial das conserveiras, cada vez se tornava mais difícil. Em 1970, o Algarve detinha 42% da produção nacional das conservas. Em 1979 a produção baixou para 28%. Mas esta queda, continuou a acentuar-se. Entre 1973 e 1988, fecharam 90% das fábricas que existiam no Algarve. Era o fim de uma morte há muito tempo anunciada.”⁽¹⁴⁸⁾

Só então se começaram avivar as frustrações que muitos tinham sentido no decorrer dos anos. Elas eram em grande parte a consequência de numerosos

(147) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sp. Olh. 1981 N° 330

(148) “Diário de Noticias” - 5/8/1996



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, COM A FAMÍLIA DOS SEUS FILHOS
ANTÓNIO E JORGE E OUTROS FAMILIARES

erros e carências que se tinham acumulado. Faltava na maioria das fábricas, a possível mecanização que esta indústria permitia, pois nem todo o trabalho podia ser feito por máquinas. Era notória a falta de instalações frigoríficas e de túneis de congelação.

Mas a falha mais grave, tinha sido a falta de uma política de cooperação entre os industriais para a defesa dos seus interesses. Por sua vez o organismo estatal, encarregue de orientar e auxiliar esta indústria, salvo raras exceções, mostrou-se sempre duma inépcia absurda e entretinha-se com uma burocracia de gabinete, longe das realidades, fechando os ouvidos aos ruídos subterrâneos da derrocada que se aproximava.

Por volta de 1949, a indústria de conservas da sardinha de Marrocos, andava por volta de dois milhões e meio de caixas. Mas esta brutal expansão nas exportações marroquinas, não perturba os olhanenses. O lançamento de vários barcos de investigação das pescarias, feito pela Rússia, França, África do Sul, Japão, Estados Unidos e Marrocos, não desperta o governo português, para o perigoso atraso em que Portugal se encontrava nesse sector.⁽¹⁴⁹⁾

Alguns desses barcos, como por exemplo o barco marroquino, permitiam o estudo prático da navegação e da busca do peixe, dispondo de meios modernos, tais como: sonar, radar, agulha giroscópica, radiogoniometro, dometro, rádio VHF, etc... Nestas embarcações aprendia-se a praticar a pesca de arrasto pela popa, a pesca do cerco com alador mecânico, a pesca com palangre. Um pequeno porão, refrigerado a zero graus, permitia o ensino da técnica da conservação do peixe.⁽¹⁵⁰⁾

Estas notícias sobre os esforços dos nossos concorrentes, para conseguirem mais capturas e baixarem o preço de custo, também não causaram perda nos responsáveis das pescas portuguesas. Entretanto surgia uma notícia desagradável. Na reunião do conselho da “Corporação da Pesca e das Conservas”, em 1969 foi dito:

“Em 1968, tanto a pesca da sardinha, como as conservas, perderam dinheiro. As conservas pagam a sardinha a preços muito superiores aqueles pelos quais os seus concorrentes a obtêm.

(149) “Jornal do Pescador” - 1951 N° 148

(150) In “Jornal do Pescador” - 1969 N° 364



EM 1985, ANTÔNIO JACINTO FERREIRA COM 82 ANOS

Em 1968, a média de custo por quilo de sardinha adquirida pela indústria portuguesa é de 6\$00. Porém na vizinha Espanha, não excede as quatro pesetas, enquanto que em Marrocos o preço por quilo é de 2\$00.

Isto significa, que as conservas portuguesas ficam mais caras três dólares por caixa.”

Mas as más notícias não ficam por aqui. “Marrocos obteve pelo seu acordo de associação com o Mercado Comum Europeu, vantagens pautais, que representam uma maior dificuldade para as exportações portuguesas”⁽¹⁵¹⁾

Como é bom de ver, esta situação dos altos preços que a sardinha atingia em Olhão, leva por vezes a situações aberrantes. Vejamos esta notícia dada, por Manuel Domingos Terramoto, um homem bem conhecedor do meio piscatório olhanense:

“Achamos pertinente manifestar a nossa estranheza, pelo facto de no dia 30 de Agosto de 1971, se terem efectuado 28 lotas de sardinha, na lota de Olhão, no valor de 200 contos, que não foram licitadas pela indústria de Conserva.

Ora aceitando que a indústria, não possa pagar o preço médio de 7\$00 por quilo, em que a sardinha foi cotada, que esperança haverá de continuar a contar com a indústria, para o escoamento do pescado das traineiras?

“Só a abundância poderá fazer baixar o preço do peixe, mas confrange a ideia de que a indústria, só se poderá interessar pelo preço que a grande quantidade pode fazer descer, uma vez que parece ter passado o tempo da fartura.”⁽¹⁵²⁾

Por certo que o articulista, sente em si a decepção, que os pescadores sofreram, ao verem que os industriais não lhe compravam a sardinha. Mas vendo o caso friamente, poderemos imaginar a pergunta que por certo os conserveiros fizeram a si mesmo, ou seja:

Poderemos comprar em Olhão a sardinha a 7\$00, quando a temos em Espanha a quatro pesetas e em Marrocos a 2\$00?

Poderemos nós concorrer no mercado internacional, com estes preços?

(151) In “Jornal do Pescador” - 1969 N° 366

(152) In “Jornal do Pescador” - 1971 N° 394



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA COM OS NETOS

Não será isto um suicídio, friamente premeditado?

Ao elevado preço, que por vezes a sardinha atingia, vieram juntar-se outras duas dificuldades. A primeira, a de arranjar operárias para trabalhar com a sardinha. Já atrás dissemos que o cheiro resultante do amanho da sardinha, era desagradável à sensibilidade feminina. Por outro lado, “Verificava-se a tendência generalizada de algumas operárias, porque os maridos melhoraram o nível dos seus proventos, deixaram de trabalhar normalmente, não comparecendo ao serviço com regularidade, mas apenas quando a necessidade as obriga. Outras mudam de actividade, ou simplesmente abandonam a vida fabril.”⁽¹⁵³⁾

Jacinto Ferreira, procura remediar esta dificuldade, e aparece esta notícia: “O industrial António Jacinto Ferreira, que caminha na vanguarda da introdução de melhoramentos nas unidades conserveiras de Olhão, adquiriu na Suécia, uma máquina para descabeçar o peixe, cuja operação é como se sabe morosa e que ocupa muita mão de obra, que hoje escasseia.

Ora acontece, que a máquina concebida para a indústria dos países do norte, que trabalha principalmente com o arenque, de forma, peso e tamanho diferente, parece não se adaptar ao nosso peixe, pois não dá o rendimento necessário, por isso está condenada a ficar fora de acção.”⁽¹⁵⁴⁾

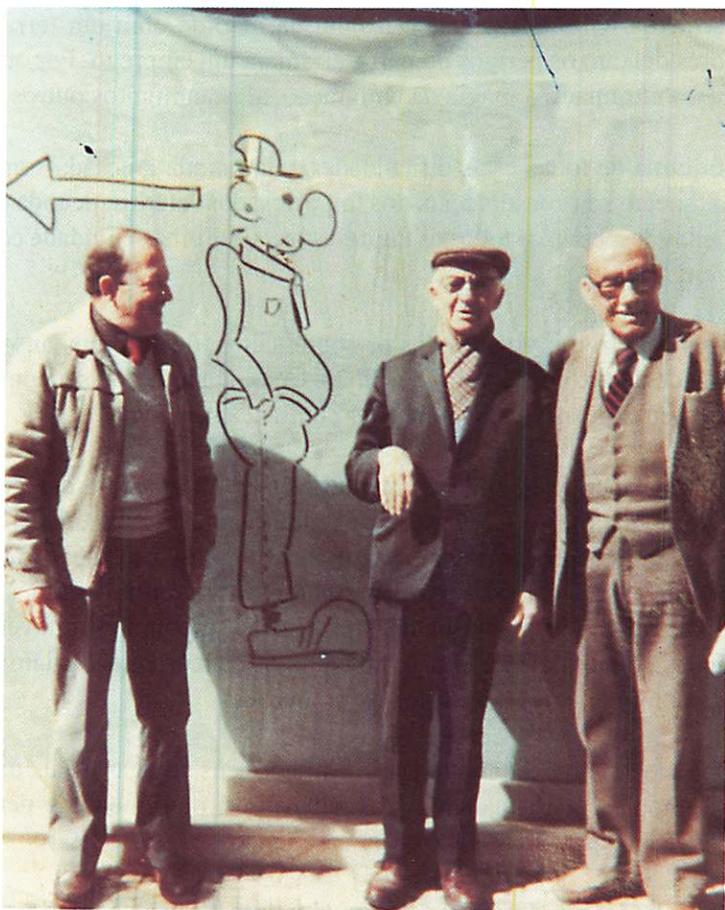
Aparece entretanto uma pessoa interessada em estudar o problema e fabricar uma máquina que se adapte ao descabeçamento da sardinha. Como a carência do pessoal feminino se agrava, António Jacinto Ferreira, sempre desejoso duma renovação técnica, dá-lhe facilidades, para os respectivos estudos, Mas este inventor, Raúl Damas, que já tinha ganho medalha de ouro e de prata, no Salão Internacional de Inventores em Bruxelas, não conseguiu levar a termo as suas tentativas.

A falta de operárias agrava-se. Numa entrevista, António Jacinto Ferreira, declara: “O panorama da indústria de pescas é bastante desolador! As fábricas poderiam produzir actualmente o dobro, se tivessem mais operárias.

Já não é apenas o flagelo da falta de pescado que impede a plena laboração. Agora é principalmente a carência da mão-de-obra, que força o fabricante a adquirir menos peixe para industrializar. Há três anos, dispunha de 300 operárias, agora apenas 60 se alinham nas bancadas da fábrica.

(153) Manuel Domingos Terramoto - In “Conservas de Peixe” - 1966 N° 241

(154) Manuel Domingos Terramoto - In “Jornal do Pescador” - 1971 N° 387



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, ERA FIEL ÀS SUAS AMIZADES,
GOSTAVA DE SE REUNIR COM OS SEUS AMIGOS.

“Gastamos mais de três milhares de contos, com a mecanização de várias operações, incluindo transporte interno, descabeço e lavagem de peixe, procuramos fazer reinar o maior asseio e higiene nas instalações. Aumentamos os salários, contudo não se verificou maior interesse das operárias, nem mais rendimento do seu trabalho.”⁽¹⁵⁵⁾

“A segunda dificuldade que a indústria de pesca e conservas, está a atravessar, é a notória falta de pescadores. A tripulação duma traineira exige homens novos. Ora aproveitando a falta da mão-de-obra em terra, muitos pescadores deixam os perigos do mar e arranjam um emprego. Por outro lado, a guerra do ultramar e a magia da emigração, afastam muitos outros.”⁽¹⁵⁶⁾

Por cima de todas estas dificuldades, paira ainda a pesada sombra, dos encargos sociais, da conservação, dos impostos, dos salários, de toda essa rede de pequenas despesas, de todos os imprevistos, a que uma actividade comercial está sujeita.

Jacinto Ferreira, viveu todos os sobressaltos, dos últimos anos de vida desse grande centro conserveiro de Olhão. Continuava fiel ao seu lema. Isto é, “Fazer o melhor possível cada dia e ter confiança no futuro.”

Ele via a perigosa, situação que atravessava a indústria das conservas. Muitas vezes manifestou a vontade de reunir as melhores fábricas, numa só empresa, para puderem enfrentar a crise. Esse corajoso esforço, essa união de vontades, poderia promover no mercado internacional uma enérgica, publicidade, melhorar a apresentação exterior do produto, promover a visita dos grandes compradores a Olhão, tal como os concorrentes faziam nos seus países e sobretudo baixar os custos da produção.

Esta ideia, não encontrava apoio entre os seus colegas. Mais uma vez o habitual complexo de isolamento dos olhanenses, ou o medo de perderem a sua independência, levou-os a recusar essa união.

O resultado, não demorou a ver-se. Um a um foram vencidos, e os poucos que tentavam ingloriamente sobreviver, o governo concede-lhes a alguns, que preenchessem determinadas condições, uma indemnização, para que cessassem as suas actividades. Os outros que não estavam dentro desses requisitos e já

(155) Entrevista conduzida por Manuel Domingos Terramoto.

In “Jornal do Pescador” - 1970 N° 381

(156) Respigado do “Jornal do Pescador” - 1991 N° 395

com a falência à vista, acabaram por fechar. A Conserveira do Sul, recusou fechar e continuou a trabalhar.

A situação económica no Algarve, tornou-se grave. As sucessivas falências dos conserveiros, arrastavam para o mesmo fim, outras actividades comerciais. Era o fracasso de uma indústria, que sempre viveu tutelada, por umas regrasinhas, muito bem pautadas, que estrangulavam as iniciativas dos mais capazes.

Por outro lado, uma burocracia, sem visão, ditada por gabinetes, que não conheciam a vida viva da concorrência, alimentava o desalento. Portugal teria podido em anos anteriores, diante dos continuados sinais de alarme, tomar as enérgicas medidas que se impunham para estudar e resolver a situação.

E estas não seriam medidas invulgares, pois outros países perante as mesmas dificuldades, tinham-se lançado na luta, para manterem e conquistarem novos mercados.

Mas o governo, não teve coragem política para tomar as medidas necessárias. Quando já não havia nada para salvar, deu algum dinheiro a uns poucos, e ajudou a fechar a porta das fábricas. O Algarve não é um pobre. Não merecia esta vergonhosa solução, esta esmola disfarçada.

Os algarvios, lembravam-se das palavras que nos anos anteriores, tinham sido escritas, por Tomás Cabreira:

“O Algarve, paga muito mais ao estado, do que dele recebe. Por conseguinte, tem todas as condições, para possuir uma completa autonomia administrativa, como têm os distritos autónomos dos Açores e da Madeira.”⁽¹⁵⁷⁾

Por isso, não merecia esta solução que lhe foi imposta.

António Jacinto Ferreira, recusou receber uma indemnização, para encerrar as suas actividades. A sua fibra de lutador recusava esta transigência. Continuará a trabalhar.

Quarenta e dois anos depois, recorda-se esse facto, em 16 de Junho de 1996, dia da cidade de Olhão. Na cerimónia efectuada nos Paços do Concelho,

(157) Tomás Cabreira - “O Algarve Económico” - Pag.285 - Imprensa Libânio da Silva Lisboa 1918

em que foi concedida a medalha Grau de Ouro, a esta fábrica, pelos relevantes serviços prestados à comunidade, foram proferidas as seguintes palavras:

“A Conserveira do Sul, Lda., (actual) foi constituída em 1954 pelo Senhor António Jacinto Ferreira, incluindo os seus filhos na respectiva sociedade comercial.

Conhecida pela “Fábrica Velha”, construída por franceses, esta unidade fabril, sofreu profundas alterações, pelo que foi considerada mais tarde, como uma das mais modernas fábricas de conservas do país.

Sempre com grande dedicação e esforço por parte dos sócios e dos mais directos colaboradores, a “Conserveira do Sul”, foi a única fábrica de conservas de Olhão, que conseguiu sobreviver de um numero considerável que existia então na vila.

Num período de grande crise, não aceitaram uma proposta do antigo regime, para fechar a fábrica, a titulo de uma racionalização da produção, o que obrigaria e despedimento de cerca de 500 pessoas.

Pugnaram corajosamente por uma gestão adequada para sobreviver e conseguiram percorrer o caminho mais árduo e difícil.

É uma fábrica genuinamente olhanense, que conseguiu manter-se através do tempo. Encontra-se a laborar numa nova unidade e garante dezenas de postos de trabalho.

À família Ferreira, aqui fica a expressão de reconhecimento da Câmara Municipal de Olhão, pela vitalidade, boa gestão e contributo para a economia do concelho, pelo que confere à Conserveira do Sul, Lda., a medalha Dedicação Grau Ouro. Felicidades.

A medalha e o diploma, foram entregues ao socio-gerente, Jorge Jacinto Ferreira, pelo Engenheiro Fialho Anastácio, governador civil de Faro.”⁽¹⁵⁸⁾

(158) Homenagem Prestada no Dia Maior de Olhão, à Conserveira do Sul, Lda.
In Sp. Olh. 1996 N° 681

Pode-se calcular as lutas travadas pela sobrevivência, num terreno de negócios incertos, onde as restantes fábricas já se tinham atolado. Faltava o dinheiro e cresciam as dívidas. Pai e filhos, onde o filho mais velho, Jacinto Ferreira Júnior, desenvolvia um grande esforço, tinham um fito em comum.

Segurar o que fosse possível no mercado exportador. Diminuírem até onde fosse possível os custos e as despesas de representação. Reduziram ao mínimo os seus ordenados, e eram os últimos a recebe-los.

O pai, que sempre tinha alimentado o desejo de construir uma casa, conforme o seu gosto, sacrificou o seu sonho, para não desviar qualquer parcela de dinheiro do negócio. Continuou a viver numa casa alugada.⁽¹⁵⁹⁾

Para além de todas estas dificuldades, era preciso fazer frente às greves, com certas reivindicações absurdas, que era impossível satisfazer, sob pena de ter que encerrar a fábrica, definitivamente. Esses movimentos paralisavam o trabalho, quebravam a disciplina e impediam a satisfação de prazos de entrega e não raras vezes a anulação de encomendas.

A tudo isto juntava-se um clima de instabilidade política, que prejudicava o regular funcionamento das instituições e desmotivava as pessoas a tomar iniciativas, em virtude das incertezas em que se vivia.

Depois de termos acompanhado a traços largos, a situação das conservas da sardinha em Portugal e em particular em Olhão, será curioso conhecer a opinião que alguns estrangeiros, tinham sobre o assunto. Apresentamos apenas dois exemplos.

S.E. Gair, director-gerente de uma das mais importantes firmas importadoras inglesas, não hesita em apontar algumas mazelas, da indústria conserveira portuguesa. Vejamos os quatro casos principais que precisam de ser corrigidos:

“1º- Os métodos antiquados de produção, ainda em uso na maior parte das fábricas de conserva.

2º- Os esforços visando a promoção das exportações, são anulados, pela insuficiência das respectivas verbas.

(159) António Jacinto Júnior - “Memórias do Meu Pai”,

3º- Este ponto é talvez o mais importante de todos. Ou seja, uma política descoordenada de vendas devida, sem dúvida a um individualismo ancestral, que é uma característica do português, que o torna completamente deslocado no mundo da concorrência de hoje.

4º- A rotulagem, não indica claramente tratar-se dum produto de origem portuguesa.

E não tem receio, em sugerir que, se todos os fabricantes adaptassem o lema: Unidos, resistimos, divididos falhamos, os eternos problemas que atormentam a indústria de conservas de peixe, ficariam resolvidos, na sua maior parte. E lembra: o rápido crescimento, hoje em dia, em Inglaterra, dos supermercados e de muitos grupos, e as organizações de vendas, seguindo de perto o sistema americano, torna-se cada vez mais violenta.

Assim é preciso ver, que tanto sobre os produtores como sobre os importadores é exercida uma forte pressão, pelo que, se não se apresentar uma frente unida, que não existe em Portugal, a qualidade pode ser sacrificada de forma a ser compensada nos crescentes preços de custo, perante a concorrência internacional.

E o articulista, tira a seguinte conclusão: “Enquanto não enveredarem, por uma única comercialização, por parte dos responsáveis, a situação tenderá a piorar cada vez mais.”⁽¹⁶⁰⁾

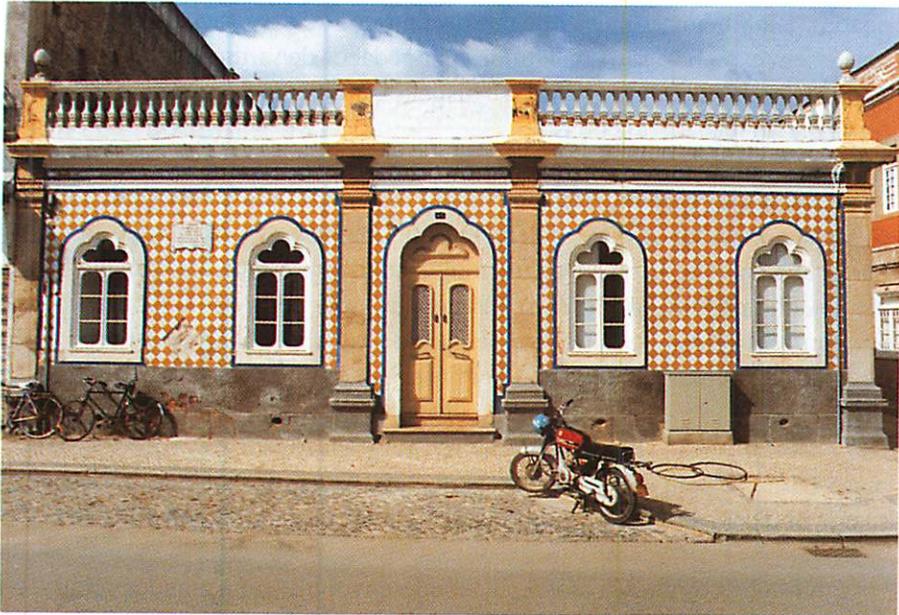
Por outro lado, Frederic S. Cluthe, presidente de uma grande firma importadora americana, anota várias deficiências:

“No meu país, quando qualquer coisa é muito difícil de fazer, criou-se o hábito de dizer-se por graça, “Isso é tão difícil, como abrir uma lata de sardinhas portuguesas.”

Ao longo de tantos anos, decerto a indústria portuguesa, em geral, já podia ter preparado uma lata, universalmente aceite, que se abriria com facilidade e não com uma chave de parafusos, ou uma barra metálica.

Permitam-nos que lhes sugira, que analisem a história da indústria norueguesa ou marroquina de conservas de peixe, e vejam como estes países conseguiram criar uma lata atraente e que se abre facilmente.

(160) S.E. Gair - “Carta de Londres” - “Revista Conserva de Peixe” - 1966 Nº 241



ESTA FOI A ÚLTIMA CASA QUE HABITOU, NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 47. ANTERIORMENTE TINHA SIDO A RESIDÊNCIA DO POETA JOÃO LUCIO.

TODAS AS CASAS EM QUE VIVEU ERAM ALUGADAS. NÃO QUIS COMPRAR CASA PRÓPRIA, A FIM DE NÃO DESVIAR DINHEIRO DA SUA ACTIVIDADE INDUSTRIAL.

Até à pouco tempo, as conservas portuguesas, eram exportadas em pesados caixotes e só agora começa a espalhar-se o uso de caixas de cartão. No entanto, é desagradável para os compradores norte americanos, receber encomenda após encomenda de caixas de cartão, que são ou muito grandes ou muito pequenas e na maior parte das vezes, demasiado fracas para resistir a uma viagem por mar e a um transporte através dos Estados Unidos, “Tem-nos acontecido visitar frequentes vezes os nossos supermercados e encontrar ali, latas sujas de óleo ou os invólucros de papel manchados de óleo, e chaves ferrugentas.

Todos estes defeitos, contribuem e continuam a contribuir para prejudicar o desenvolvimento desta indústria tão importante para a economia dum país progressivo como é Portugal.

Além disso, existe em muitos supermercados, grande variedade de latas opadas, e também acontece que muitos fabricos de conserva de sardinha, sem pele e sem espinhas, são constituídas por pedaços de sardinha em vez de peixe inteiro, donde se deduz, que não se dispensa suficiente atenção à produção e à fiscalização das encomendas,”

A dona de casa americana, compra primeiro com os olhos e depois com o paladar, e portanto é extremamente importante a sua impressão inicial ao comprar qualquer artigo. Dos exemplos acima apresentados, conclui-se que ela imediatamente cria, e com frequência, uma certa relutância a voltar a comprar conservas de sardinha, sem pele e sem espinha, de aspecto pouco cuidado, ou numa embalagem defeituosa.”

“Antes virar-se-á, prontamente para as conservas norueguesas ou marroquinas e para as anchovas espanholas, visto que qualquer destes países, se empenha em autorizar a exportação das mercadorias unicamente perfeitas.”

Nos últimos anos, a Noruega, tem desenvolvido uma grande procura, por parte do público, devido a uma campanha permanente de propaganda, a qual é financiada pelos próprios exportadores.”

“Há mais de 30 anos, que nós vimos, conversando e consultando as autoridades portuguesas, para que se promova uma campanha de propaganda das conservas de Portugal nos Estados Unidos. Por uma razão ou por outra infelizmente nada se tem realizado. Uma campanha publicitaria é absolutamente indispensável e um programa a longo prazo, tem que ser estabelecido com a maior brevidade.”

“Lembro ainda aos industriais, que não existem só conservas portuguesas de sardinha à venda, mas também Marroquinas, Norueguesas, francesas e japonesas. Junte-se a estas as conservas de “Pilchards”, da África do Sul e às quais também se dá entre nós a designação de sardinha, e os industriais portugueses compreenderão melhor que não somos um mercado conquistado, mas que eles têm, antes, de competir nele, com muitos produtos semelhantes.

“É preciso que para isso, não podem esquecer - Controle de Qualidade - Propaganda inteligente - Embalagens modernas.”⁽¹⁶¹⁾

Depois de transcrever-mos o essencial destes dois artigos, pode-se fazer um juízo mais claro dos motivos que levaram no decorrer dos anos, à perda dos mercados internacionais.

António Jacinto Ferreira estava certo. Ele não se iludia. Ele procurou durante anos uma união entre os fabricantes, para que em conjunto formassem uma empresa forte, capaz de eliminar as deficiências apontadas por estes críticos. Mesquinhos interesses de uns, vaidades individuais de outros, criaram entraves a esta iniciativa que posta em prática, podia ter mudado para melhor a vida económica dos olhanenses.

(161) Frederic S. Cluthe - “A Amarga Verdade” - In “Conservas de Peixe” - 1966 Nº 241